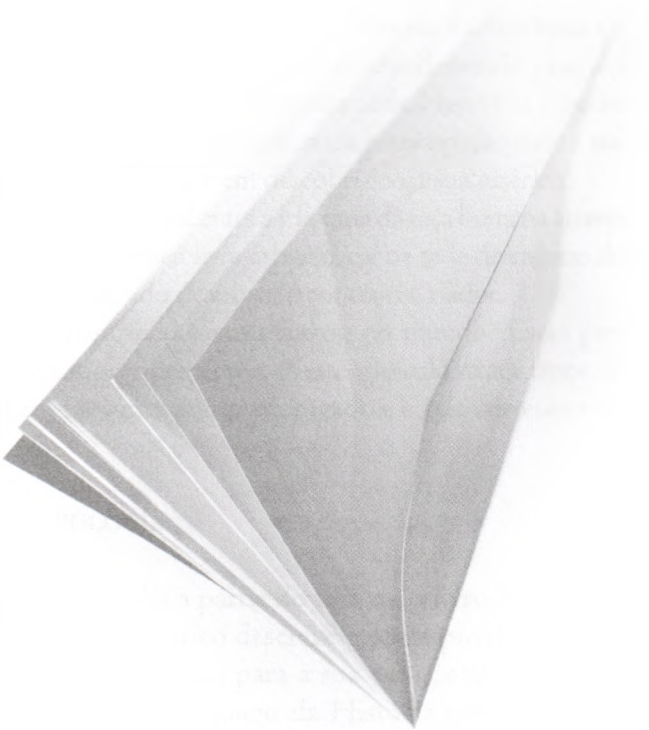
Capítulo 6

Hamartiologia — a Doutrina do Pecado

Elienai Cabral



Um dos mais profundos problemas da teologia e da filosofia é a existência e a ação do mal. Ao longo da História, o mal tem sido motivo de estudo, pesquisa e discussão, de modo especulativo, mas também de maneira séria. Haja vista o poder do mal impor-se de modo natural na experiência humana, a preocupação com a sua origem desafia a inteligência e aguça o interesse em descobri-lo na sua essência.

Neste campo da realidade universal do mal entra a História da raça humana através da primeira criatura: o homem. Este, por seu livre-arbítrio, cai na rede de engano do agente do mal, o Diabo, e pratica o pecado de rebelião contra o Criador.

O que é pecado? Como se manifesta? Como entrou no mundo? Essas perguntas têm deixado muitos pensadores perplexos. Neste capítulo, trataremos da abordagem teológica e também filosófica acerca do pecado e o que corretamente ensina a Bíblia sobre o assunto.

Introdução à Hamartiologia

A questão do mal é tratada na Bíblia a partir do relato do livro de Gênesis sobre a Queda do homem. O relato histórico descreve o princípio da tentação ao homem e seu pecado, trazendo maldição para a sua vida pessoal e a toda a humanidade. As questões levantadas ao longo da História sobre a Queda serão aclaradas neste capítulo.

Na teologia cristã, a doutrina do pecado ocupa grande espaço porque o cristianismo é a religião da redenção da raça humana. De todas as doutrinas bíblicas, três delas são de vasta amplitude porque tratam de Deus, do pecado e da redenção. Existe uma inter-relação entre essas três doutrinas. É impossível tratar do pecado sem mencionar a redenção do pecador e, naturalmente, a sua relação com a sua fonte: Deus.

O termo "hamartiologia" deriva de dois vocábulos da língua grega, a língua do Novo Testamento: *hamartia* e *logos*, os quais significam "estudo acerca do pecado". O termo é aplicável ao pecado, seja este considerado um ato, seja considerado um estado ou uma condição. O sentido do termo é que o pecado é um desvio do fim (ou propósito) estabelecido por Deus para determinado fato ou conduta humana.

O que é pecado

A palavra "pecado" é sinônima de muitas outras usadas na Bíblia, as quais indicam conceitos bíblicos distintos sobre o pecado. São vários os termos que amplificam o conceito de pecado nas suas várias manifestações.

No Antigo Testamento. Encontramos no Antigo Testamento pelo menos oito palavras básicas que conceituam o pecado; no Novo Testamento, temos, pelo menos, doze outras que descrevem as várias formas de manifestações negativas relacionadas com o termo "pecado". No étimo das palavras mencionadas no Antigo Testamento descobrimos a abrangência do pecado em suas manifestações.

1) *Hatta't.* Este vocábulo, que aparece 522 vezes nas páginas veterotestamentárias, e seu termo correlato no Novo Testamento — *hamartia* — sugerem a idéia de "errar o alvo" ou "desviar-se do rumo", como o arqueiro antigo que atirava as suas flechas e errava o alvo. Porém, o termo também sugere alguém que erra o alvo propositadamente; ou seja, que atinge outro alvo intencionalmente.

Não se trata de uma idéia passiva de erro, mas implica uma ação proposital. Significa que cada ser humano tem da parte de Deus um alvo definido diante de si para alcançá-lo. O termo em apreço denota tanto a disposição de pecar como o ato resultante dela. Em síntese, o homem não foi criado para o pecado; se pecou, foi por seu livre-arbítrio, sua livre escolha (Lv 16.21; Sl 1.1; 51.4; 103.10; Is 1.18; Dn 9.16; Os 12.8).

2) *Pesha'*. O sentido tradicional dessa palavra é "transgredir", "rebelar", "revoltar-se". Porém, uma variante forte para defini-la implica o ato de invadir, de ir além, de rebelar-se. O termo aponta para alguém que foi além dos limites estabelecidos (Gn 31. 36; I Rs 12.19; 2 Rs 3.5; Sl 51.13; 89.32; Is 1.2; Am 4.4).

3) *Ra'a.* Outra palavra hebraica que tem seu equivalente no grego — como *kakos* ou *poneros* — e traz a idéia básica de romper, quebrar; "aquilo que causa dano, dor ou tristeza". É um tipo de pecado deliberado, malicioso, planejado, que provoca e enfurece. Dá a idéia de "ser mau" (Gn 8.21; Êx 33.4; Jr 11.11; Mq 2.1-3). Indica também algo injurioso e moralmente errado. São os pecados expressos por violência (Gn 3.5; 38.7; Jz 11.27).

O profeta Isaías profetizou que Deus criou a luz e as trevas, a paz e o *ra'a* (Is 4.57). É o mal em forma de calamidade, ruína, miséria, aflição, infortúnio. Deus não tem culpa do mal existente, porque, na verdade, a responsabilidade pelos pecados cometidos recai, à luz da Bíblia, sobre a criatura rebelde, transgressora e incriminada, e não sobre o Criador.

4) *Rama* quer dizer "enganar"; dá a idéia de prender numa armadilha, num laço. Implica, portanto, um tipo de pecado em forma de cilada para outrem cair. É uma forma de enganar e agir traiçoeiramente (Sl 32.2; 34.13; 55.11; Jó 13.7; Is 53.9).

5) *Pata.* É um termo que dá a idéia de seduzir. O sentido literal da palavra é "ser aberto" ou "abrir espaço" para o pecado ter livre curso. No Éden, Adão e Eva se deixaram seduzir pelo engano do pecado e pelo pai do pecado (Satanás), personificado numa serpente (Gn 3.4-7).

6) *Shagag.* O sentido aqui é "errar" ou "extraviar-se", como uma ovelha ou um bêbado (Is 28.7). É um tipo de erro pelo qual o transgressor torna-se responsável, ante a lei divina que condena o seu erro — pecado (Lv 4.2; Nm 15.22).

7) *Rasha'*. Esta palavra aparece especialmente nos Salmos, com a idéia de impiedade ou perversidade. O sentido metafórico é o pecado em oposição à justiça (Êx 2.13; Sl 9; Sl 16; Pv 15.9; Ez 18.23).

8) *Ta'a.* Este vocábulo se refere ao ato de extravio deliberado. Não se trata de algo acidental, e sim algo que uma pessoa comete sem perceber o fruto negativo gerado pelos seus atos pecaminosos (Nm 15.22; Sl 58.3; 119.21; Is 53.6; Ez 44.10,15).

Existem outras variantes do termo que ensinam sobre o pecado no Antigo Testamento, mas nos detivemos apenas em oito deles que ilustram a diversidade e a perversidade do pecado em suas várias manifestações.

No Novo Testamento. No grego, a palavra "pecado" também tem vários sentidos, e alguns são correlatos com os termos hebraicos. Todos esses vocábulos do grego bíblico descrevem o pecado em seus vários aspectos. Apresentaremos uma lista menos extensa, mas igualmente proveitosa para definir o incisivas das palavras mais incisivas e usadas com mais freqüência no Novo Testamento acerca do pecado.

1) *Hamartia.* Já citada em correlação com *hatta'a* (hb.), seu sentido é "errar o alvo", "perder o rumo", "fracassar". Indica que o primeiro homem, no princípio, perdeu o rumo de sua vida e fracassou em não atingir o padrão divino estabelecido para a sua vida. No Novo Testamento, os escritores usaram o termo *hamartia* para designar o pecado.

Ainda que o sentido equivalente no Antigo Testamento seja o de "errar o alvo", nas páginas neotestamentárias a palavra em apreço tem uma abrangência bem maior — possui um sentido mais forte que a idéia de fracasso ou transgressão. Ela tem o sentido de "poder de engano do pecado" (Rm 5.12; Hb 3.13); é mais que um fracasso. Trata-se de uma condição responsável ou uma característica que implica culpabilidade.

2) *Kakia.* No grego, relaciona-se com perversidade ou depravação, como algo oposto à virtude. É um termo que descreve o caráter e a disposição interiores, e não apenas os atos exteriores. Dele deriva-se outra palavra, *kakos*, cujo sentido transcende a mal-estar físico ou doenças (Mc 1.32; Mt 21.41; 24.48; At 9.13; Rm 12.17; 13,3,4,10; 16.19; I Tm 6.10).

3) *Adikia.* Denota injustiça, falta de integridade; como alguém que abandona o caminho original. Em sentido amplo, esse termo refere-se a qualquer conduta errada e significa, ainda, "agravo", "ofensa feita a alguém" (2 Co 12.13; Hb 8.12; Rm 1.18; 9.14). O texto de Romanos 1.18 descreve a injustiça como inimizade para com a verdade. Em I João 5.17, o apóstolo João afirma que toda iniqüidade (gr. *adikia*) é pecado (gr. *hamartia*).

4) *Anomia* ou *anomos.* Denotam ilegalidade; tais palavras são traduzidas freqüentemente como "iniqüidade" ou "transgressão". Porém, o sentido literal de literal de *anomia* é "sem lei". Quem transgride a lei de Deus pratica a iniqüidade (Mt 13.41; 24.12; I Tm 1.9). O Anticristo é *anomos* — "o iníquo" (2 Ts 2.8).

5) *Apistia.* Deriva de *pistis* — "crer", "confiar" — e significa "infidelidade", "falta de fé" ou algum tipo de resistência ou vergonha (Hb 3.12; I Tm 1.13). Em I Timóteo 1.13 está escrito: "... alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade [gr. *apistia*]".

6) *Asebeia.* Usado por Paulo nas epístolas com o sentido de impiedade (Rm 1.18; 11.26; 2 Tm 2.16; Tt 2.12; Jd vv.15,18). Portanto, a impiedade ou a irreverência são a base da *asebeia.*

7) *Aselgeia.* Denota relaxamento, licenciosidade ou mesmo sensualidade. Em Judas v.4 encontramos dois termos que explicam essas palavras: "... homens ímpios [*asebeis*] que convertem em dissolução [*aselgeian*, 'libertinagem'] a graça de Deus". Esse termo descreve, pois, uma entrega sem restrições à prática do pecado. Os especialistas o descrevem como algo maldito que domina uma pessoa

e a torna impudica de tal modo que perde totalmente o senso de vergonha e, por isso, faz qualquer coisa degradante sem ocultar seu pecado.

O termo em análise significa, por conseguinte, "a pura e auto-satisfação sem o menor pudor", haja vista o desejo pelos prazeres tornar a sua vítima despudorada, sem restrições. As chamadas taras sexuais, a embriaguez e outras manifestações são típicas de *aselgeia*. Sem dúvidas, trata-se de uma das palavras mais repulsivas do Novo Testamento (Mt 7.22; 2 Co 12.21; Gl 5.19; Ef 4.19; I Pe 4.3; Jd v.4; Rm 13.13; 2 Pe 2.2,7,18). A versão ARC traduz o termo por "libertinagem", enquanto a ARA prefere "dissolução".

8) *Epithymia*. Significa "desejo". Porém, é o contexto da palavra encontrada no Novo Testamento que pode indicar o caráter moral do desejo, se é bom ou mau. Coisas, como: motivo, intenção, direção e relação, revelarão o caráter moral de *epithymia* (Mc 4.19; Lc 22.15; Fp 1.23; I Ts 2.17). De modo geral, o vocábulo quase sempre se identifica com algo negativo e pecaminoso. Daí o significado poderá indicar "desejo incontinente", normalmente traduzido como "concupiscência", "paixão impura" (Gl 5.24; Cl 3.5; I Ts 4.5; Tg 1.14; 2 Pe 2.10).

9) *Parabasis*. Aparece nas páginas neotestamentárias umas oito vezes. O significado primário do termo é "transgressão", que dá a idéia de alguém que não respeita as leis, passando dos limites estabelecidos. Emprega-se esse vocábulo com o sentido de "desvio", "violação" e "transgressão". No texto de Romanos 5.14, Paulo faz uma relação entre *hamartia e parabasis*, ao afirmar: "No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não *pecaram* à semelhança da *transgressão* de Adão" (grifos do autor).

O apóstolo Paulo não está dizendo que os que pecaram desde Adão até Moisés estão livres de culpa, e sim que aquelas gerações, não tendo a lei de Moisés, seu pecado era tão real quanto ao dos que tinham a lei. Em I Timóteo 2.14 está escrito que Eva caiu em transgressão (*parabasis*), ao ser enganada, porque ela foi rebelde contra a ordem divina. Não se tratava de reduzir a culpa de Eva, e sim reconhecer que ela podia ter evitado o pecado de desobediência.

10) *Paraptoma*. Deriva de *parapipto* e significa "decair ao lado de", "perder o caminho", "fracassar". De modo geral, significa "lapso moral" ou "uma ofensa pela qual a pessoa é responsável".[1] Vários textos exemplificam o termo *paraptoma* (Mt 6.14; Rm 5.15-20; 2 Co 5.19; Gl 6.19; Ef 2.1; Tg 5.16).

11) *Planao*. Tem um sentido subjetivo de pecado porque se refere àquele que se desgarra culposamente. A palavra "desgarrar" relaciona-se com a ovelha que foge do aprisco (I Pe 2.25); também significa levar, por meio do engano, outras pessoas ao mau caminho (Mt 24.5,6; I Jo 1.8).

Todas essas palavras, segundo o seu étimo, descrevem o caráter geral do pecado. Porém, definiremos o pecado, também, em outras perspectivas, para que entendamos toda a sua abrangência na vida humana.

O HOMEM ANTES DA QUEDA

A Bíblia é a única fonte segura concernente a criação do homem e seu estado original. De forma simples e objetiva o Gênesis declara que, depois de tudo feito — especialmente, o homem —, "viu Deus que era muito bom" (Gn 1.31). Contudo, a Bíblia não só revela o primeiro estado do homem, como relata a história da perda do seu primeiro estado de santidade, pela Queda, e também a possibilidade de sua restauração (Cl 3.10; Ef 4.24).

Criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26,27). Em que consiste esta imagem de Deus? Ao longo da História, os teólogos vêm discutindo sobre as diferenças entre "imagem e semelhança". Porém, a distinção entre as duas características quase se confunde com a diferença entre personalidade (ou pessoalidade) e espiritualidade. No hebraico, as palavras "imagem" (*tselem*) e "semelhança" (*demut*) exprimem a idéia de algo similar, mas não idêntico à coisa que representa ou de que é uma "imagem".

Há uma distância infinita entre Deus e a sua criatura-prima — o homem. Só Cristo é a imagem expressa da Pessoa de Deus, como o Filho do Pai, que possui a mesma natureza daquEle. Na verdade, a imagem divina no homem é como a sombra no espelho.

Mathew Henry, em seu *Comentário Bíblico*, escreveu:

> *... a imagem de Deus no homem consiste em três coisas. (1) Em sua natureza e constituição, não do corpo, pois Deus não tem corpo, e sim de características da alma e espírito. (2) Em seu lugar e autoridade, pois quando disse: "façamos o homem à nossa imagem... e domine", o homem recebeu autoridade sobre as criaturas inferiores (os animais). (3) Em sua pureza e retidão. A imagem de Deus no homem é revestida de retidão e santidade (Ef 4.24; Cl 3.10).*

O homem, como imagem de Deus, foi dotado de atributo moral, isto é, de justiça original. Porém, essa justiça não era imutável; havia a possibilidade de pecado. Ele foi dotado de livre-arbítrio. O homem foi criado com uma natureza santa, voltada naturalmente para Deus e sua vontade. Essa imagem divina no homem revela a natureza religiosa dele, haja vista ter sido dotado de "espírito", para manter comunhão com o seu Criador.

A Queda distorceu e avariou a imagem divina no homem. O destaque maior no relato da criação está na palavra "imagem": "E criou Deus o homem à sua imagem. à imagem de Deus o criou" (Gn 1.27). Existem alguns ensinamentos de que o ser humano na Queda perdeu a imagem de Deus em si. Essa teoria é incoerente, pois a imagem e a semelhança, de fato, se referem aos aspectos moral e espiritual, os quais ainda persistem no ser humano, apesar de desfigurados e transtornados pela Queda e o pecado subseqüente.

Quanto à imagem moral, o homem é constituído de intelecto, vontade e sentimento; isto é, as faculdades da alma. Quanto à imagem espiritual, ele possui espírito e alma. Essas imagens não integram a criação animal.

O homem perdeu a santidade original, a pureza de atitudes. Seu caráter foi afetado; tornou-se o ser humano pecaminoso. Seu intelecto foi corrompido pela mentira, pela falsidade e pelo engano. Disse o sábio, em Eclesiastes que Deus fez o homem reto, mas ele se envolveu em muitas astúcias (7.29).

A imagem de Deus no homem está, pois, deturpada. Só é possível a sua restauração pela obra expiatória de Cristo. O corpo não é a imagem de Deus, porque é formado do pó. Porém, o Senhor soprou nele a *nephesh* — a vida física da alma que possui a imagem e semelhança de Deus (Gn 2.7). Os impulsos físicos, pois, encontram-se sob o controle do espírito humano, a sua parte superior.

O primeiro homem possuía um corpo e um espírito (e alma) perfeitamente adequados um ao outro. Não havia conflito entre os impulsos pessoais e os espirituais. Era um tipo de perfeição física e espiritual, mas não era uma perfeição absoluta, e sim relativa e provisória (Gn 3.22).

Teorias filosóficas

Ao longo da História, a preocupação com a existência do mal tem provocado muitas perguntas e respostas. O problema da presença do pecado no Universo é discutido por filósofos, sociólogos, psicólogos e teólogos. Especialmente, no campo da filosofia, há muitas teorias que tentam em vão analisar e definir o que é pecado.

Conceitos antiteístas e anticristãos. Há opiniões extremamente especulativas e arbitrárias sobre esse assunto. Por isso, ao trazê-las à tona neste estudo, queremos destacar dois elementos auxiliares para o estudo do pecado. O primeiro trata da natureza metafísica do pecado, e o segundo, de sua natureza moral. Surgem, então, as questões: O que é aquilo que denominamos pecado? Seria uma substância, um princípio ou um ato? Significaria privação, negação ou defeito? Seria alguma coisa relacionada com sentimento?

Essas perguntas se relacionam com a natureza metafísica do pecado. Mas, e as questões sobre a natureza moral do pecado? Como o pecado se relaciona com a lei de Deus? Que relação tem o pecado com a santidade e com a justiça? Algumas teorias sobre a natureza do pecado são apresentadas ao longo da História, no estudo progressivo das doutrinas cristãs. Algumas dessas teorias são incoerentes com a realidade bíblica do pecado e, por isso, heréticas; mas outras merecem a nossa apreciação.

1) A primeira teoria filosófica e antibíblica que mencionaremos é a que ensina a existência de um eterno princípio do mal. Ela se difundiu e foi introduzida na igreja nos primeiros séculos da Era Cristã. Para alguns, esse princípio original do mal se identificava como um ser pessoal. Trata-se do gnosticismo. Para outros, seguidores do gnosticismo, dos marcionistas e dos maniqueus, tal princípio era uma substância, uma matéria eterna.

Esses dois princípios não encontram respaldo na Palavra de Deus e, por essa razão, são nulos. Tal teoria vê o pecado como um mal físico que contamina o espírito humano. Por isso, esse mal deve ser vencido por meios físicos. Trata-se de uma teoria que insinua que o pecado é eterno e independente do Deus Eterno. Sugere que Deus é limitado por um poder co-eterno, que Ele não pode controlar. Ou seja, o mal tem o seu próprio poder, assim como Deus possui o seu.

A idéia sugerida por essa teoria, de que o mal é um poder independente e sem controle, destrói, por assim dizer, a natureza do pecado como um mal moral, haja vista fazer dele uma substância inseparável da natureza humana. Dessa forma, não admite que o homem possa se livrar do pecado.

Essa teoria compromete, ainda, a responsabilidade humana, uma vez que atribui a sua origem a um mal eterno. Claramente, a Bíblia refuta terminantemente essa teoria, pois o pecado não é eterno; e, quando o homem pecou, fez isso por escolha intencional e voluntária.

2) Outra teoria filosófico-antibíblica é a que apresenta o pecado como um mal necessário. Ela se baseia na lei de que toda a vida implica ação e reação. Argumenta-se que, no Universo material, prevalece a mesma lei pela qual os corpos celestes são conservados em suas órbitas pelo equilíbrio de forças centrífugas e centrípetas. Ensina, ainda, que todas as mudanças químicas são produzidas por atração e repulsão, e que a mesma lei deve prevalecer no mundo moral; e que não pode haver bem sem mal.

Essa teoria ensina, portanto, que, em relação ao homem, a sua vida é equilibrada por forças contrárias e se desenvolve através do antagonismo; ou seja, por princípios opostos, de modo que um mundo moral sem pecado é impossível. A essência dessa teoria é a de que o pecado é a condição necessária para a existência

do bem. Defende-se por esse conceito a idéia de que "o pecado é um resultado necessário, e decorrente, da limitação do ser finito do homem"[2], "um incidente do desenvolvimento imperfeito, fruto da ignorância e falta de poder; portanto, o pecado não é um mal absoluto, mas relativo".[3]

Não obstante, a Palavra de Deus ensina, refutando essa teoria, que se o bem não pode existir sem o mal, o mal deixa de ser algo condenável e repulsivo diante de Deus, e a criatura humana deixa de ser responsável pelo pecado entranhado em sua natureza. Entende-se, então, por essa teoria, que a natureza humana seria um engano, e tudo quanto a Bíblia ensina contra o pecado, uma utopia.

3) A terceira teoria falsa ensina que a fonte e a sede do pecado estão na natureza sensorial do homem. Essa teoria separa e distingue o corpo do espírito humano. Por ela entende-se que essa distinção especifica o pecado como algo sensorial. Ensina que, mediante o corpo, o homem está ligado ao mundo físico ou à natureza externa; e, por meio da alma, ao mundo espiritual e a Deus.

Essa teoria declara que o homem é governado universalmente, sempre em grau pecaminoso, por sua natureza sensorial. Em síntese, o negativo prevalece sobre o positivo, por isso, o homem é vencido pelo pecado. Biblicamente, essa teoria é falsa e equivocada, porque o pecado não é um ato ou estado sensorial no homem. Essa teoria neutraliza a consciência de pecado e de culpa, porque faz do pecado um mera debilidade.

A doutrina bíblica ensina que a pecaminosidade do homem se identifica, metaforicamente, como "carne", que refere-se à sua natureza corrompida e pecaminosa, adquirida na Queda. A Bíblia desmente a teoria que faz do corpo ou da natureza sensorial do homem a fonte do pecado. Rejeita a idéia de que os pecados mais degradantes cometidos pelo homem nada tenham a ver com o corpo. Pelo contrário, a Bíblia diz que seremos julgados por aquilo que tivermos feito por meio do corpo, bem ou mal (2 Co 5.10).

4) Outra teoria filosófica ao tratar do caráter do pecado declara que a essência do pecado é o egoísmo. A Bíblia declara que o homem foi criado com perfeição e, portanto, seu ego correspondia ao ideal divino do "livre-arbítrio". Ora, pertencente a natureza original do homem, o egoísmo não pode ser confundido com seu instinto de auto-preservação e de buscar as coisas que lhe dão prazer e satisfação.

Naturalmente, isto não se constitui um estado pecaminoso. Buscar com retidão a felicidade e o prazer na vida não significa, essencialmente, angariá-los em detrimento dos demais seres. O que torna essa busca um modo egoístico negativo de se obter felicidade é a força do pecado entranhada na natureza pecaminosa embutida no homem (Rm 5.12).

O egoísmo integra o estado decaído do homem. Alguns teólogos declaram que "o pecado de Adão teve origem no egoísmo, porque ele quis ser igual a Deus".[4] Langston entende que o egoísmo é o coração do pecado e é a origem do pecado. O pecado veio de fora e a Bíblia o declara como transgressão da lei de Deus (I Jo 3.4). Antes da manifestação do pecado na vida do homem havia uma "lei escrita no seu coração" (Rm 2.15).

DEFINIÇÕES CONCEITUAIS DO PECADO

Abordamos definições de termos bíblicos relacionados com o pecado e, também, definições filosóficas. Os estudiosos cristãos do assunto em apreço tentam definir de várias maneiras, partindo do conceito mais expressivo e bíblico de que o pecado existe como um ato, bem como um estado ou condição. Alguns nomes respeitados da história do cristianismo, "Idade Média" em diante, conceituam teologicamente o pecado de forma bem clara.

John Wesley, pai do metodismo, definiu o pecado como uma transgressão voluntária de uma lei conhecida. Um outro famoso teólogo da época ressaltou a natureza dupla do pecado ao declarar que "a idéia primária designada pelo termo pecado nas Escrituras é a falta de conformidade com a lei, uma transgressão da lei; o fazer algo proibido, o deixar de fazer aquilo que é requerido".

Augustus Hopkins Strong, eminente professor de teologia nos Estados Unidos, escreveu sobre a doutrina do Pecado em sua Teologia Sistemática de 1886, que "pecado é a falta de conformidade com a lei moral de Deus quer em ato, disposição ou estado".[5]

W.T. Conner, em *Doctrina Cristiana*, ao falar da natureza do pecado escreveu: "... definimos o pecado como a rebelião contra a vontade de Deus"; "o pecado, como algo voluntário, implica conhecimento. Se o homem peca voluntariamente, então seu pecado é contra a luz".[6] Paulo esclareceu que todo ser humano tem um certo grau de conhecimento da lei moral de Deus e, por isso, "não há um justo, nenhum sequer" (Rm 3.10).

Charles Hodge escreveu que "o pecado é falta de conformidade coma lei de Deus" e "inclui culpa e contaminação; a primeira expressa sua relação com a justiça; a segunda, sua relação com a santidade de Deus".[7]

Outras definições de pecado. É um ato livre e voluntário do ser humano, tendo em vista que ele é um ser moral e, por isso, capaz de perceber o certo e o errado. O homem é um agente moral livre para decidir o que fazer da sua vida, o qual deve seriamente considerar Eclesiastes 11.9.

O pecado é um tipo de mal. Nem todo mal é pecado. Existem males físicos resultantes da entrada do pecado no mundo. Na esfera física temos um tipo de mal manifesto nas doenças e enfermidades. Entretanto, na esfera ética, o mal tem sentido moral. Nesta esfera moral atua o pecado. Os vários termos hebraicos e gregos das línguas originais da Bíblia, quando falam do pecado apontam para o sentido ético, porque falam da prática do pecado, ou seja, dos atos pecaminosos.

O pecado é, de fato, uma ativa oposição a Deus, uma transgressão das suas leis, que o homem, por escolha própria (livre), resolveu cometer conforme relata a Bíblia (Gn 3.1-6; Is 48.8; Rm 1.18-32; I Jo 3.4).

Louis Berkhof ensina que o pecado tem caráter absoluto.[8] Sem dúvida, seu conceito está correto e é bíblico. Não se faz distinção ou graduação entre o bem e o mal, porque o caráter é qualitativo. Uma pessoa boa não se torna má por uma diminuição de sua bondade, mas quando se deixa envolver com o pecado. É uma questão de qualidade, e não de quantidade.

O pecado não implica um grau menor de bondade, mas algo negativo e absoluto. Biblicamente, não há neutralidade nem meio termo quanto ao bem ou ao mal. O que é mal não é mais ou menos mal. Ou se está do lado justo e certo ou se está do lado injusto e errado (Mt 10.32,33; 12.30; Lc 11.23; Tg 2.10).

Não se trata de pecado apenas porque se praticou algum ato pecaminoso. "O pecado não consiste apenas em atos manifestos".[9] O pecado não é somente aquilo que se pratica erradamente, mas é algo entranhado na natureza pecaminosa adquirida da raça humana. É um estado pecaminoso que origina hábitos pecaminosos os quais se manifestam na vida cotidiana.

Todas as tendências e propensões pecaminosas típicas da natureza corrompida de cada um de nós demonstram o estado pecaminoso do ser humano. A esse estado decaído, a Bíblia denomina "carne", o qual precisa ser superado pela nova vida em Cristo, a vida regenerada pelo Espírito (2 Co 5.17; Jo 3.5).

A origem do pecado no Universo

A primeira manifestação foi na esfera angelical. Os teólogos divergem quanto ao fato de que a primeira manifestação de pecado tenha começado no céu. Sendo Deus o Criador de todas as coisas, não podemos atribuir a Ele a autoria do pecado. Toda a Bíblia rejeita essa idéia quando diz: "Longe de Deus a impiedade, e do Todo-poderoso, a perversidade" (Jó 34.10).

Em outra passagem está escrito que não há injustiça nEle (Dt 32.4; Sl 92.15). Tiago, no Novo Testamento, disse que o Senhor não pode ser tentado pelo mal (Tg 1.13). Por isso, é blasfêmia considerar Deus como autor do pecado. Ora,

duas passagens bíblicas que melhor ilustram a origem do pecado no Céu são metafóricas (Is 14.12-14; Ez 28.12-17); daí a dificuldade na compreensão desses textos pelos intérpretes. Do ponto de vista pentecostal esses textos falam do pecado iniciado entre os anjos e pelo principal deles, Lúcifer.

Os dois textos acima mencionados são tidos como relacionados à queda de Lúcifer e o começo do pecado no Universo. O primeiro (Isaías) refere-se ao rei caído da Babilônia, cujo orgulho tornou-o soberbo; por isso, ele não pôde subsistir, com tirania e orgulho, ante o Deus Vivo. Diz o texto que esse rei era elevado e importante, mas por seu orgulho foi cortado como uma árvore.

Segundo, a linguagem metafórica, o texto sugere o relato a história da queda de Lúcifer, denominado "estrela da manhã", o qual, por sua rebelião foi expulso da presença de Deus. O segundo texto (Ezequiel) apresenta um lamento sobre o rei de Tiro, mas a linguagem figurada ilustra a queda de Satanás.

O registro bíblico da origem do pecado prossegue noutras referências que tratam do assunto. O que fica claro é que o pecado foi originado por Satanás. Ele pecou antes de Adão e Eva quando se apresentou na forma de uma serpente para tentar Eva (Gn 3.1-6; 2 Co 11.3). Jesus declarou que Satanás é homicida "desde o princípio" (Jo 8.44; 1 Jo 3.8). A expressão "desde o princípio" não quer dizer que este ser angélico foi sempre mau. Seu primeiro estado era de santidade. A expressão "desde o princípio" indica no contexto da história da criação que Ele se fez opositor do Deus trino desde o início da criação do mundo.

Entretanto, antes da criação do Universo material, os anjos já haviam sido criados. Mesmo considerando as nossas dificuldades para entendermos plenamente a origem do pecado no céu, sabemos que Deus conhece todas as coisas e "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11).

O pecado entrou na vida da humanidade através de Adão e Eva (Gn 3.1-19). Como isso aconteceu? A história bíblica descreve como o pecado tornou-se uma realidade na vida da humanidade quando uma criatura extraordinária e espiritual se materializou numa "serpente" (Gn 3.1-7) para enganar as mais belas criaturas da terra, o homem e a mulher. Essa criatura é denominada em outras passagens como "a antiga serpente", o "Diabo" e "Satanás" (Ap 12.9; 20.2). Foi essa criatura que pecou desde o princípio e se tornou inimiga da criação de Deus e originou a catástrofe cósmica.

Pela soberana e sábia vontade de Deus permitiu-se que no Éden, o jardim idílico criado por Deus para que Adão e Eva vivessem felizes, Satanás penetrasse para tentá-los com astúcia e engano. A história da criação da criatura humana relata que Adão e Eva foram criados "bons" e colocados no Éden para desfrutarem de todas as benesses daquele jardim e manter comunhão com seu Criador (Gn 1.26—2.25). Por serem criaturas, humanas e finitas, estavam sujeitas a pecar.

Deus, então, estabeleceu para eles uma regra para não comerem de uma árvore denominada "árvore do conhecimento do bem e do mal", mas Eva se deixou enganar pela insinuação diabólica da serpente e tomou do fruto, comeu e o deu ao seu marido (Gn 3.6). Duvidaram da veracidade da palavra de Deus e acataram as insinuações do Inimigo. Daí desobediência, egotismo, rebeldia, pecado, queda e suas conseqüências, que se transmitiram à toda posteridade de Adão.

O pecado de Adão foi um ato pessoal. Já consideramos o fato de que o pecado é um estado da vontade e que esse estado egoísta da vontade é universal. Uma vez que o homem preferiu obedecer ao seu "eu", pervertendo sua própria vontade, também, tornou-se responsável pelas conseqüências de sua transgressão.

Ele adquiriu uma natureza corrompida e afetou universalmente toda criatura na terra. Seus atos pecaminosos e suas disposições são frutos de seu estado corrupto inato. Jesus explicou muito bem esse ponto quando disse: "... não há árvore boa que dê mau fruto... o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal" (Lc 6.43-45; Mt 12.34).

Tentação e Queda não são coisas míticas ou alegóricas. Tem havido a tentativa de pseudo-teólogos tornarem o relato escriturístico da tentação e a Queda como algo alegórico. Não há qualquer linguagem figurada em Gênesis 3 que negue o fato histórico relatado naquela passagem. No desenrolar da tentação Satanás apelou aos apetites que poderiam dar a Eva o prazer de fazer sua própria vontade em desobediência do Criador. Satanás apelou aos sentidos egoísticos de Eva e ela deu ouvidos ao tentador em vez de rejeitar e expulsar o tentador que visava levá-la a desobedecer a Deus (Gn 3.1-3).

Satanás levou o casal a duvidar da veracidade de Deus insinuando que o Criador estaria tirando deles o direito de conhecer coisas mais sublimes. Adão e Eva, então, pecaram e deixaram que seus corações fossem corrompidos e afetasse seus apetites naturais. Diz o relato bíblico que sua disposição interior manifestou-se em atos. O texto diz, literalmente: "... ela tomou do seu fruto, e comeu, e deu também ao seu marido, e ele comeu com ela" (Gn 3.6).

O homem seguiu a indução do seu coração e fez a escolha do seu "eu" em desacordo com Deus. Portanto, o pecado surgiu de dentro do homem, do seu interior, e ele transgrediu a lei do Senhor (Tg 1.15).

O PECADO ORIGINAL E SUA AFETAÇÃO

Distinção entre pecado original e culpa original. Na língua latina usa-se a expressão *peccatum originale*, que se traduz literalmente por "pecado original". Para entendermos o assunto precisamos fazer distinção entre pecado original e culpa original.

1) Por pecado original entendemos que se trata do pecado herdado de nossos primeiros pais, Adão e Eva, o qual passou a toda criatura humana.

2) A culpa não é herdada, e sim imputada a cada criatura. A expressão "pecado original" não se encontra na Bíblia de forma literal, mas a sua manifestação está implícita na história da Queda; por isso, o pecado original está na vida de todo ser humano desde o seu nascimento. Outrossim, precisamos esclarecer que a expressão "pecado original" nada tem que ver com a constituição original do homem, haja vista Deus não o ter criado pecador.

Toda criatura humana é culpada em Adão e conseqüentemente tem sua natureza corrompida desde o nascimento (Sl 51.5; 58.3).

Pecados veniais e pecados mortais. A igreja romana ensina e faz distinção entre pecados veniais e mortais. Ao mesmo tempo, ela tem dificuldades em distinguir esses pecados. Tal distinção não é bíblica, visto que todo pecado é *anomia* diante de Deus — termo grego que significa "falta de retidão", "falta de obediência à lei".

O Antigo Testamento faz distinção entre os pecados cometidos intencionalmente e os praticados por ignorância. Se cometido intencionalmente ou por ignorância, o pecado não deixará de ser pecado, porque é um fato e torna a pessoa culpada diante de Deus (Gl 6.1; Ef 4.18; I Tm 1.13; 5.24). No Novo Testamento, o apóstolo Paulo deixou clara a idéia de que o grau do pecado é determinado pelo grau de conhecimento (luz) que o pecador possua (Rm 1.18-32).

A CULPA DO PECADO

O que e qual é a culpa do pecado? Ora, a culpa é o sentimento pessoal na consciência, de transgressão de uma lei mediante o ato do pecado. Inclui a idéia dupla de responsabilidade pelo ato praticado do pecado, assim como a punição (castigo) pelo pecado. A punição, ou seja, a pena, segue automaticamente ao pecado.

A culpa é o estado ou a condição delituosa de quem transgrediu a lei. A culpa toma forma de condenação pela desaprovação de Deus. Logo após Adão e Eva terem pecado, seus olhos foram abertos, ou seja, tiveram consciência de suas culpas: "então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus" (Gn 3.7). A culpa é a convicção na consciência, pela violação voluntária da lei de Deus. O transgressor é conscientizado pela consciência ou pela lei, que o seu ato exige expiação para que seja perdoado.

Já dissemos anteriormente acerca da distinção entre pecado original e culpa original. Pelágio, teólogo inglês, renegava a idéia do pecado original porque entendia que os homens que nascem no mundo, desde a Queda, vivem no mesmo estado em que Adão foi criado e que o pecado deste prejudicou apenas a ele

próprio. Por isso, essa teoria rejeita a ideia da hereditariedade do pecado sobre toda a raça humana.

Pelágio ensinava que Adão morreu pela constituição de sua natureza, tivesse ele pecado ou não. Entretanto, o ensino claro da Bíblia a esse respeito não deixa dúvida de que a culpa original refere-se àquela recebida por Adão e Eva após terem pecado contra a lei de Deus.

o viver em pecado consiste então, em viver uma vida centralizada no "eu" e signfica o fazer a própria vontade como a da vida. Neste sentido o homem merece receber a punição do seu pecado (Rm 5.12).

A natureza da culpa. Ainda que haja uma interligação entre os pontos destacados neste capítulo, ao tratar da natureza da culpa, entendemos que o mérito da culpa é a punição. Culpa, portanto, significa o merecimento da punição, por ter o culpado de satisfazer a justiça divina pelo seu pecado praticado.

O apóstolo Paulo escreveu aos romanos que "do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens" (Rm 1.18). Ora, a ira de Deus no contexto dessa passagem significa a reação da santidade de Deus contra o pecado; não importando se tenha ocorrido por ato ou estado, o pecado acarreta a manifestação da justiça de Deus.

A culpa legal O aspecto legal da culpa perante Deus diz respeito ao fato de que quando Adão e Eva cometeram o pecado contra a ordem divina, tornaram-se legalmente culpados e dignos da pena estabelecida por Deus. O Criador havia lhes dito que um só ato de desobediência à sua palavra implicaria na pena de morte (Gn 2.17). O apóstolo Paulo entendeu essa questão doutrinária e declarou que "o juízo veio de uma só ofensa, para condenação" (Rm 5.16).

Portanto, por um só ato pecaminoso contra Deus, Adão tomou-se incapaz de permanecer na presença santa de Deus. Essa ofensa de Adão tornou-se a culpa de toda sua descendência, de toda a raça humana. Perante Deus, legalmente, todos são culpados, "porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23).

Isso significa que em Adão todos participaram da sua transgressão. A expressão "estão destituídos da glória de Deus" indica a necessidade de recuperação do primeiro estado de glória de Adão antes da Queda. Significa a recuperação daquela realeza moral e espiritual que o homem tinha, isto é, a imagem e semelhança de Deus, deformada pelo pecado. Foi o segundo Adão, Jesus Cristo, quem veio a este mundo para recuperar a glória perdida do homem (Rm 3.24-26).

A culpa não significa mera propensão ao castigo. Isso significa que a culpa incorre mediante a transgressão do pecador. Não há na justiça de Deus o conceito de culpa construtiva, porque o pecador é culpado por aquilo que tem praticado. Somos culpados do pecado, tanto em relação a culpa original de nossos primeiros

pais quanto pelos pecados que cometemos hoje. Devemos entender que somos culpados pela natureza pecaminosa herdada de Adão e Eva. Esse é o aspecto coletivo que abrange todos os homens. Porém, cada um de nós é individualmente responsável pelos seus próprios pecados.

A manifestação da culpa na consciência humana. A culpa do pecado se manifesta na consciência, que é o componente racional e moral do espírito humano, para sinalizar o certo e o errado nas decisões do ser humano (Rm 2.15,16). Pela corrupção moral e espiritual do homem por causa da Queda, há em todo homem uma disposição geral para o pecado e para esconder ou negar a responsabilidade pelo pecado cometido, como fizeram Adão e Eva (Gn 3.8-14).

Entende-se, portanto, que a acusação de sua consciência contribuiu para assinalar a culpa do pecado. Visto que o pecado é transgressão diante de um Deus Santo, o pecado é merecedor de punição e reprovação divina. A culpa se manifesta como um resultado objetivo, isto é, ela é produzida mediante o fato da prática do pecado e não deve ser confundida com o papel da consciência que expõe a culpa subjetivamente.

Ora, o que é consciência subjetiva da culpa? O que está revelado em Levítico 5.17 esclarece bem este ponto, quando diz: "e, se alguma pessoa pecar e fizer contra algum de todos os mandamentos do Senhor o que não se deve fazer, ainda que o não soubesse, contudo, será ela culpada e levará a sua iniqüidade".

A expressão "ainda que o não soubesse" indica que a culpa implica inicialmente uma relação com Deus e, depois, uma relação com a consciência. O texto trata da prática do pecado por ignorância, por não se saber que determinada ação seja pecaminosa. Então a consciência age subjetivamente.

Um determinado teólogo declarou que "o maior dos pecados é não estar consciente de nada", isso porque a consciência pode tornar-se cauterizada, pela multiplicação do pecado, extinguindo no pecador a sensibilidade moral acerca do que é errado ou certo. Por isso, quando andamos com Deus segundo a sua justiça a partir da conversão, somos por Ele santificados quanto ao pecado, e a nossa santificação subjetiva pelo Espírito Santo desenvolve em nós mais e mais a consciência da realidade do pecado.

A culpa tem relação com a lei moral de Deus. "A culpa não faz parte da essência do pecado, mas é, antes, uma relação com a sanção penal da lei".[10] Por isso, a culpa só pode ser removida mediante a satisfação da lei. Visto que a justiça original no homem tornou-se em "trapos de imundícia" (Is 64.6), a justiça requerida tem de ser vicária e pessoal. Ela pode ser transferida de uma pessoa para outra, mas, nenhuma criatura humana teria condições para assumir os pecados das demais, por sermos todos uma raça de pecadores (Sl 14.1-3; Rm 3.9-12).

Veio Jesus Cristo, da parte de Deus; se fez carne e habitou entre nós (Jo 1.14), assumindo a penalidade da lei, causada pela nossa culpa, tornando-se o nosso substituto vicário, justificando o homem dos seus pecados (Rm 4.24,25; 5.1,8). Adão cometeu o pecado e na qualidade de chefe federal da raça humana; por ele foi imputada a todos os seus descendentes a culpa do pecado. A Bíblia enfatiza este ensino quando declara que a morte é o castigo do pecado, para todos os seus descendentes (Rm 5.12-19; Ef 2.3; I Co 15.22).

Graus de culpa. Tem havido interpretações equivocadas sobre esse ponto. Não obstante, é fato bíblico que existem diferentes graus de culpa atribuídos a certos tipos de pecados. Não encontra aqui respaldo a doutrina católica romana que distingue pecados veniais e pecados mortais. Com esse conceito a Igreja Romana entende que pode determinar o grau do pecado de uma pessoa e aplicar à mesma a penitencia equivalente.

Ora, entendemos que todo pecado é venial, isto é, pode ser perdoado. A exceção está no "pecado contra o Espírito Santo" (Mt 12.31).Que tipos de pecados são esses para os quais são atribuídos graus de culpa? Na realidade, existem pecados perdoáveis e os pecados não perdoáveis, ou seja, pecados que são para a morte e pecados que não são para a morte.

Em I João 5.16,17 está escrito:

> *Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não é para a morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda iniqüidade é pecado,e há pecado que não é para morte.*

Percebe-se que há um contraste entre o pecado para a morte e o que não é para a morte. Há quem diga que o pecado para morte é aquele que, sendo extremamente grave, conduz inevitavelmente à morte eterna; e que o pecado que não é para a morte seria o pecado venial; ou seja, o menos grave. São idéias sem suporte bíblico.

Outros afirmam que esse texto refere-se a "pecados intencionais ou não", sendo o último o pecado perdoável, e o primeiro, não (Nm 15.22-30). Naturalmente, o sentido da palavra "morte" no contexto dessa passagem refere-se à morte física, e isso se torna claro quando o autor aconselha a orar para que tenha vida, e diz, literalmente: "orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte".

Ora, a Bíblia afirma que toda iniqüidade é pecado (I Jo 5.17). Portanto, distinguir e graduar os tipos de pecados é impraticável. É bem verdade que, em I Coríntios 11.30, Paulo fala de um tipo de juízo que afeta o crente que peca até ao ponto de Deus aplicar-lhe disciplina. Mas a morte física, aqui, não significa morte eterna ou punição final, e sim morte que não é final.

Nessa esfera, poderíamos apontar os pecados de ignorância e pecados de conhecimento, como cita Strong:[11] pecados da carne (Gl 5.19-21); o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12.31,32).

Strong escreveu:

> *... o pecado contra o Espírito Santo não deve ser considerado como um simples ato isolado, mas também como o sintoma exterior de um coração tão radical e irreversível contra Deus que nenhuma força que Deus possa consistentemente usar o poupará. Tal pecado, portanto, só pode ser o clímax de um longo curso de endurecimento de si mesmo e depravação de si mesmo.*[12]

Em relação ao episódio da blasfêmia dos fariseus contra Jesus entendemos que o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo refere-se, no ensino do Mestre, à atribuição voluntária e consciente de seus adversários de que a obra que Ele fazia era demoníaca. Tratava-se de uma rejeição presunçosa daquela casta religiosa à pessoa de Jesus e a atribuição de ação demoníaca à obra do Espírito Santo.

REALIDADE DA AÇÃO DO PECADO

Conseqüências do pecado no mundo. Indiscutivelmente, o pecado trouxe graves conseqüências ao Universo, especialmente à vida na Terra. A Bíblia faz várias declarações a respeito da universalidade do pecado. Por exemplo, temos no Antigo Testamento alguns exemplos, tais como: "não há homem que não peque" (I Rs 8.46); "porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (Sl 143.2).

Paulo, em Romanos, disse: "Não há um justo, nenhum sequer; não há quem faça o bem, nenhum sequer" (Rm 3.10-12); "pois todos pecaram e carecem da gloria de Deus" (Rm 3.23). O apóstolo João também disse: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (I Jo 1.8).

A escolha preferencial do "eu" em detrimento de Deus. O pecado de Adão e Eva foi uma escolha feita por ambos, uma escolha preferencial do "eu", em detrimento de Deus como objeto do sentimento e fim principal de suas vidas. Preferiram atender aos ímpetos do seu ego a fazer de Deus o centro de suas vidas. Renderam-se incondicionalmente ao seu ego em prejuízo do projeto do Criador para suas vidas.

O Dr. E.G. Robinson, citado por Berkhof,[13] escreveu que "enquanto o pecado como estado é dessemelhança em relação a Deus, como princípio é oposição a Deus, e como ato é transgressão à lei de Deus". Portanto, entendemos que

o pecado não é, meramente, algo de fora (ou externo), tampouco é o fruto de coação vinda de fora, mas "é uma depravação dos sentimentos e uma perversão da vontade, que constitui caráter íntimo do homem".[14] A realidade do pecado traz as conseqüências inevitáveis que são a culpa e o castigo.

A HEREDITARIEDADE DO PECADO

Como um ato de pecado individual afetou a todos? A Bíblia tem a resposta cabal desta questão. Paulo, em Romanos disse "que todos pecaram" (Rm 3.23) e dá a idéia de que todos os seres humanos participaram da transgressão de Adão; e, como indivíduos, tornaram-se pecadores. Ele explica os efeitos do pecado de Adão: "Portanto, por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens" (Rm 5.12).

Paulo não estava falando de pecados factuais, do dia-a-dia, mas da herança do pecado. A morte, como punição do pecado, tem um caráter universal, porque "a morte passou a todos os homens". Por causa do pecado de Adão, todos os seus descendentes tornaram-se pecadores e culpados. Porém, Deus providenciou a nossa expiação — nas palavras de Paulo — outra vez: "Mas Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8).

Portanto, o pecado é hereditário. A sua universalidade deve-se à corrupção da natureza humana. E a Palavra de Deus afirma que o primeiro homem violou a vontade expressa de Deus, e, por conseqüência, toda a vida humana se corrompeu. Inevitavelmente, quando o homem se depara com a idade da consciência moral, está tão identificado com os maus impulsos existentes dentro de si que precisará esforçar-se para manter o equilíbrio moral e espiritual de sua vida.

Não se trata meramente de um impulso momentâneo da sua vontade, mas é algo implícito na sua natureza pecaminosa, que é sinistro e obscuro. A tendência má que se revela numa criança se percebe na semente dessa tendência má. Nesse sentido, toda criança é pecadora, conquanto não tenha culpa pessoal. Não podemos cobrar responsabilidade pessoal de uma criança recém-nascida.

A Bíblia e a consciência moral dão testemunho da responsabilidade que temos de nossa vida, apesar da natureza que temos herdado. Na verdade, a herança do pecado se constitui numa condição de vida, para a qual precisamos da graça salvadora de Cristo para dominá-la. Por isso, mesmo como pecadores regenerados pelo Espírito Santo precisamos negar-nos a nós mesmos, tomar a nossa cruz e sermos crucificados com Cristo (Gl 2.20).

Todo ser humano nasce com uma natureza corrompida. Todos os atos pecaminosos das pessoas são frutos de sua natureza pecaminosa. Ora, o que se entende por natureza

no contexto desse estudo? É aquilo que é inato em cada pessoa, isto é, nasce com ela. Jesus, disse, certa feita aos seus discípulos que "não há árvore boa que dê mau fruto... o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal" (Lc 6.43-45).

Portanto, não há criatura humana neste mundo que não tenha nascido com uma "natureza corrompida". É algo que faz parte do seu ser e é subjacente à sua própria consciência. Por isso, toda criatura constitui-se pecadora diante de Deus, visto que o pecado em si é herança comum de todas as criaturas sobre a terra.

O salmista Davi declarou que fora formado em iniqüidade e concebido em pecado (Sl 51.5). Na verdade, com isso, confessou não o pecado de sua mãe, e sim o seu próprio pecado, e que esse estado — entendeu ele — vinha desde o momento de sua concepção.

A natureza corrompida e congênita de toda criatura humana. O apóstolo Paulo usou uma expressão forte em Efésios, a qual merece a nossa apreciação: "éramos por natureza filhos da ira" (2.3). A expressão "filhos da ira" denota o estado de condenação por causa da herança do pecado que todos recebemos de nossos pais (Adão e Eva). Entende-se por "natureza" algo inato e original distinto daquilo que se adquire posteriormente.[15]

Sem dúvida, o apóstolo coloca o texto no passado com o verbo "éramos", para indicar que, ao sermos regenerados pelo Espírito Santo, fomos agraciados pela graça de Deus. A criança é despida de consciência moral, mas congenitamente possui a natureza pecaminosa herdada. Por isso, a morte é a penalidade global que afeta todas as pessoas e, inevitavelmente, afeta as crianças, haja vista elas morrerem como todos os demais seres.

As crianças estão colocadas num estado de pecado e, por isso, necessitam de regeneração e salvação através de Jesus Cristo. Naturalmente, elas são objeto de salvação pela graça de Cristo, que as salva, independentemente da consciência moral. Contudo, a condição dos adultos é diferente da das crianças. O adulto precisa de fé pessoal para ser salvo, e a Bíblia declara que Cristo morreu por todos (2 Co 5.15).

No Juízo Final, as pessoas serão julgadas mediante o teste da conduta pessoal, enquanto as crianças, mesmo tendo uma tendência para mal, são incapazes de transgressão pessoal; por isso, cremos que elas estarão entre os salvos (Mt 25.45,46).

Adão depois da Queda. Já dissemos anteriormente que Adão e Eva, quando pecaram, perderam o direito do primeiro estado de santidade em que foram criados e vieram a ser objeto de várias mudanças negativas transcendentais.

1) O casal submeteu-se ao domínio da morte espiritual. A penalidade declarada por Deus antes da Queda foi: "porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17). Imediatamente ao ato pessoal do pecado, Adão e Eva tiveram a sentença cumprida. Não só se tornaram culpados e submissos à

pena do pecado com a limitação da vida física e a morte física posteriormente, mas imediatamente ficaram sob a égide da morte espiritual, perdendo a comunhão livre que tinham com Deus, separando-se da relação com Ele.

2) O juízo de Deus veio também sobre Satanás e a serpente usada por ele (Gn 3.14). O Criador predisse, então, o futuro conflito entre Cristo e o Diabo, conforme Gênesis 3.15: "E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente, esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar".

A semente da mulher foi Jesus Cristo, que, sendo o Filho de Deus, fez-se homem, para identificar-se com os homens, e foi ferido no Calvário. Jesus morreu na cruz, mas não foi retido na sepultura e na morte. Pelo contrário, pelo Espírito Santo foi ressuscitado e venceu a morte e o próprio Diabo. Ele morreu por toda a humanidade; além disso, anulou a sentença da morte eterna aos que o aceitarem como Salvador e Senhor.

3) Deus proferiu um juízo específico sobre a mulher, Eva, a qual experimentaria a dor ao dar a luz seus filhos e seria submissa ao seu marido (Gn 3.16). Quarto, uma maldição especial caiu sobre o homem, Adão, o qual teria que lavrar a terra, agora maldita com espinhos e cardos, para obter sua subsistência (v.17).

A terra foi amaldiçoada (Gn 3.17.18) e o efeito do pecado atingiria a vida dos descendentes de Adão. Foi expulso do Jardim de Deus e começou a experimentar a dor e a luta para sobreviver. O pior em toda esta maldição foi Adão experimentar a morte espiritual e, por isso, perder sua comunhão com o Criador e sofrer a pena da morte física.

Três imputações. Como resultado imediato da Queda, todo o gênero humano foi atingido. A Bíblia menciona, pelo menos, três imputações decorrentes do pecado de Adão:

1) Seu pecado foi imputado à sua posteridade (Rm 5.12-14).
2) Seu pecado foi imputado a Cristo (2 Co 5.21).
3) Deus imputou sua justiça sobre os que crêem em Cristo (Gn 3.15; 15.6; Sl 32.2; Rm 3.22; 4.3,8,21-25; 2 Co 5.21). Nesse sentido, a Bíblia revela que se efetuou uma transferência de caráter judicial do pecado do homem para Jesus Cristo, que levou sobre a cruz o pecado da humanidade (Is 53.5; Jo 1.29; 1 Pe 2.24; 3.18).

Outra verdade, nesse contexto, é o fato de que, de igual modo, Deus efetuou a transferência, de caráter judicial, da justiça de Deus para o crente em Cristo (2 Co 5.21), visto que o único modo de justificação ou aceitação diante de Deus era este. Por este ato justificador de Cristo, o crente passa a fazer parte da vida

organística de Cristo, isto é, do seu corpo e, por conseguinte, participa de tudo o que Cristo é.

Torna-se claro, portanto, que a participação dos homens na Queda resultante do pecado não se efetua quando cometem seus primeiros pecados, porque eles nascem sob a égide do pecado, como criaturas caídas, procedentes de Adão. Os pecadores não se convertem em pecadores por meio da prática de qualquer pecado individual, mas eles pecam imbuídos pela sua própria natureza pecaminosa adquirida; por isso, são pecadores.

O significado de estar debaixo do pecado. O texto de Romanos 3.9 diz, literalmente: "Pois quê? Somos melhores do que eles? De maneira nenhuma, pois já demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado". Quando Paulo escreveu sobre esse assunto, estava enfrentando discussões e polêmicas entre os cristãos convertidos em Roma, cidade que reunia judeus e gentios.

Cada qual tentava justificar sua posição diante de Deus. Paulo, então, colocou ambos na mesma condição e posição, quando disse: "Todos estão debaixo do pecado". Uma vez que pecado é transgressão da lei de Deus, o próprio judeu que possuía a lei de Deus foi o primeiro a pecar contra ela.

O gentio, por outro lado, não tinha a lei de Moisés, mas tinha a lei da consciência escrita no coração e não podia justificar-se diante de Deus, tanto quanto o judeu. Paulo mostrou aos Romanos, em 3.10-12, a universalidade do pecado; e terminou enunciando o veredicto final de Deus contra o pecado em 3.19,20. O judeu tendo a lei de Moisés não conseguiu justificar-se do pecado mediante as obras da lei, e está incluído na universalidade da frase: todos estão debaixo do pecado". O remédio para o pecado está, não em algum mérito pessoal do pecador, mas no mérito da obra expiatória de Cristo que tira o pecador do estado de pecado e o coloca "debaixo da graça salvadora de Deus através de Cristo Jesus (Rm 5.1). Vemos, então, que "o pecador é salvo com base meritória, mas o mérito é daquEle que foi feito justiça de Deus para ele".[16]

O CASTIGO DO PECADO

Já dissemos que o pecado é tanto um ato como um estado. É um ato porque o homem mesmo preferiu, de seu livre-arbítrio, desobedecer à lei de Deus, rebelando-se contra Ele. Porém, o pecado *implica um* estado pecaminoso porque o homem quebrou a comunhão e a relação com o seu Criador, separando-se dEle. Inevitavelmente, segue-se à prática do pecado o juízo, ou seja, o castigo positivo (Gn 2.17; Rm 6.23).

O castigo imediato do pecado. Em pontos anteriores já abordamos sobre o castigo sem aprofundar a sua importância no contexto da doutrina do pecado. A partir do capítulo 3 de Gênesis, a Bíblia trata da Queda e dos efeitos imediatos do pecado na vida do homem. Adão experimentou, de modo imediato, as conseqüências do seu pecado após ter desobedecido a Deus. Fugiu da presença de Deus no jardim do Éden (Gn 3.8) levando consigo o estigma do pecado e tornando-se culpado aos olhos de Deus.

1) O pecado desfigurou a imagem divina do homem. Adão não perdeu completamente a imagem divina porque em parte permaneceram nele os elementos de pessoalidade dessa imagem, na sua alma e no seu espírito. Porém, esses elementos da imagem foram desfigurados pelo pecado. Em que consistia a imagem original de Deus no homem? O texto de Gn 1.26,27 diz que o homem foi criado à imagem de Deus. "Strong define a *pessoalidade*, como imagem natural de Deus e a *santidade* como imagem moral de Deus. Em relação à pessoalidade, o homem foi criado como ser pessoal e isto o distingue dos seres irracionais".[17]

Trata-se da capacidade do homem para pensar, conhecer a si mesmo e relacionar-se com o mundo ao seu redor e determinar o seu "eu" quanto ao certo e o errado, ao que é justo e o que é injusto (Gn 9.6; I Co 11.7; Tg 3.9). Em relação à imagem moral, o homem foi dotado de sentimento, inteligência e vontade que o capacita a ter escrúpulos e autodeterminação quanto à justiça e santidade. Esse sentido moral da imagem divina no homem revela-se na finalidade da sua criação que é a retidão. Diz a Bíblia que "Deus fez o homem reto" (Ec 7.29) e a justiça é essencial à sua imagem (Ef 4.24; Cl 3.10). Mas ele a distorceu por seu pecado afetando toda a criação e sua descendência (Rm 5.12).

2) *O pecado deu origem a um estado pecaminoso que afetou toda a raça humana.* Myer Pearlman afirmou: "O efeito da Queda arraigou-se tão profundamente na natureza humana, que Adão, como pai da raça humana, transmitiu a seus descendentes a tendência ou inclinação para pecar".[18] Neste aspecto toda criatura humana é pecadora porque adquiriu a imagem degenerada e decaída de seu pai.

Ernesto Naville escreveu: "Não digo que todos sejamos malfeitores manifestos, mas, sim, afirmo que em cada um dos homens existe o princípio do egoísmo que é a natureza do pecado". Há uma disposição entranhada no interior de cada criatura humana para praticar o pecado (Ef 2.2,3), e Paulo ensina e atribui a universalidade do pecado ao cabeça da raça humana (Rm 5.12).

O apóstolo Paulo tratou profundamente da doutrina do pecado e ensina que os cristãos autênticos, antes de serem alcançados pela graça de Deus, mediante a obra expiatória de Cristo, viviam em ofensas e pecados, fazendo a vontade do

Diabo, da carne e dos pensamentos, e por isso eram considerados "filhos da ira divina" (Ef 2.3).

Mais uma vez Myer Pearlman esclarece esse assunto:

> *Esta condição moral da alma é descrita de muitas maneiras: todos pecaram (Rm 3.9); todos estão debaixo da maldição (Gl 3.10); o homem natural é estranho às coisas de Deus (1 Co 2.14); o coração natural é enganoso e perverso (Jr 17.9); a natureza mental e moral é corrupta (Gn 6.5,12; 8.21; Rm 1,19-21); a mente carnal é inimizade contra Deus (Rm 8.7,8); o pecador é escravo do pecado (Rm 6.17; 7.15); é controlado pelo príncipe das potestades do ar (Ef 2.2); está morto em ofensas e pecados (Ef 2.1); é filho da ira (Ef 2.3).*[19]

3) *O pecado acarretou punições naturais e físicas na vida do homem.* Louis Berkhof diz que são "punições naturais e positivas" em que as leis naturais da vida são violadas. São punições de ordem física que resultam em doenças, dores e sofrimentos ao homem. Não se trata de punições imediatas à qualquer prática de pecado, mas se trata daquelas doenças impregnadas na terra, no ar e nas águas. Essas punições naturais resultam da "maldição do pecado" no nosso planeta.

A promessa de cura e redenção da Terra e do homem provém da pessoa de Jesus, o Filho de Deus, que se fez carne, habitou entre nós, para expiar a culpa do pecado dos homens (Gn 3.15; Is 53.4,5; Rm 5.21). Os sofrimentos da vida tornaram-se realidade na vida cotidiana do homem, como resultado da penalidade do pecado.

Seu corpo físico tornou-se presa de doenças e fraquezas provocando mal-estar e desconforto. Sua vida mental e emocional ficou sujeita a angustias, tristezas, paixões sem domínio e desejos conflitantes.Sua vontade perdeu a capacidade de escolha, e conforme disse Paulo, toda a criação ficou sujeita à vaidade e escravidão (Rm 8.20). De certo modo, nosso sofrimento físico nos dá, pela morte física, a esperança de obtermos, um dia, corpos transformados e espirituais.

4) *O pecado gerou um contínuo conflito moral e espiritual entre corpo e alma de cada criatura humana.* Tão logo o homem pecou, entranhou-se em seu ser um conflito entre sua natureza superior, expressa por alma e espírito, e sua natureza inferior, manifesta através do corpo. O homem se encontrou dividido em si mesmo, e sua natureza física e inferior, tornou-se frágil e subjugada aos poderes do pecado (Rm 7.24).

O grande pregador Charles H. Spurgeon falou em uma de suas pregações que "o mar todo fora do navio não causa dano enquanto a água não penetra nele e enche-lhe o porão". Aprendemos com esse ensino de Spurgeon que o perigo está dentro de nós mesmos. É interno e na linguagem metafórica da Bíblia esse perigo chama-se coração, que é, de fato, o nosso maior inimigo, porque nos engana. A síntese dessa idéia é que devemos ter o coração sob controle para que ele não nos engane.

Nesse fato está a questão da tentação. Ela em si mesma não se constitui pecado, mas ela pode se tornar em ocasião para o pecado. O Novo Testamento, especialmente, fala constantemente sobre "carne e espírito" como opostos um ao outro (Gl 5.13,24; Mt 26-41). Esse conflito envolve a totalidade da pessoa, porque a "carne" induz a volta ao domínio do pecado,no caso do cristão. Porém, o cristão fortalece o seu espírito para vencer a carne e estar submisso ao senhorio de Cristo Jesus e do Espírito Santo (Gl 5.16; Rm 8.4-14).

5) *O pecado despertou a consciência do homem.* Diz o texto literalmente: "Então, foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus, e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais" (Gn 3.7). Na verdade, quando os seus olhos foram abertos, os olhos de suas almas, olhos do interior, uma forte convicção de que haviam desobedecido a Deus lhes sobreveio. Quando já era demasiado tarde, compreenderam a loucura de haver comido do fruto proibido por Deus.

A lei moral de suas consciências deu o sinal quando descobriram que estavam nus. Esta consciência de nudez os fez perceber que haviam perdido todas as honras e encantos da vida no paraíso que Deus havia feito para eles. Outrossim, ficaram envergonhados, porque se viram frente ao desprezo e à perda da comunhão com o Criador. Ficaram totalmente indefesos, porque, a partir da Queda, estavam sós, sem a presença do Criador.

6) *O pecado trouxe ao homem a punição da morte física.* Paulo declarou que "por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte" (Rm 5.12). A palavra "morte", *thanatos* (gr.), significa separação das partes física e espiritual do ser humano. Indiscutivelmente, a separação de corpo e alma faz parte da penalidade imediata do pecado. A Bíblia diz que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).

Pelágio e seus discípulos ensinaram que a morte física fazia parte do primeiro estado do homem antes do pecado e que ele fora criado como um ser mortal. Naturalmente, esse conceito errôneo foi rejeitado através da história. A igreja adotou uma posição definida quanto a questão da morte, a saber, que a morte sempre se constituiu uma penalidade do pecado.

O castigo disciplinador. Os teólogos procuram fazer distinção entre *castigo, punição* e *pena* e, sem dúvida, há certa distinção que deve merecer a nossa apreciação. Entretanto, preferi usar o termo *castigo* com abrangência ao modo de tratamento de Deus quanto aos pecados cotidianos dos cristãos e quanto aos pecados que implicam o tratamento final de Deus.

Nesse ponto, especialmente, o castigo disciplinador relaciona-se com o comportamento do cristão, e objetiva corrigi-lo e repreendê-lo, a fim de que não se perca. A doutrina no que tange a esse tipo de castigo revela que é possível até

mesmo morte prematura do cristão como modo de disciplina divina e a salvação da alma (I Co 11.30-32). O autor da Carta aos Hebreus faz uma distinção entre filhos e bastardos (Hb 12.6-8). Neste texto Deus se mostra como "Pai amoroso que corrige os filhos"; por isso, a correção tem sentido disciplinador.

Quando o escritor emprega o termo "bastardo", faz isso para distingui-lo do filho verdadeiro de Deus, aquele que aceita a correção do Pai (v.8). Chafer escreveu, em sua *Teologia Sistemática*, que "a disciplina, numa forma ou outra, é a experiência universal de todos os que são salvos; o ramo que produz fruto é podado, para que produza mais fruto ainda (Jo 15.12)".[20]

O castigo (a pena) final do pecado. Se morte física significa separação de corpo e alma e é parte da pena do pecado, entendemos que, de modo nenhum, a morte física venha significar a penalidade final. Nas Escrituras a palavra *morte* é freqüentemente usada com sentido moral e espiritual. Isto significa que a verdadeira vida da alma e do espírito, é a relação com a presença de Deus. Portanto, a pena divina contra o pecado do homem no Éden foi a separação da comunhão com o Criador.

A morte espiritual tem dois sentidos especiais: um sentido é negativo e o outro é positivo. Em relação à vida cristã, todo verdadeiro crente está morto para o pecado, porque a pena do pecado foi cancelada e ele está livre do domínio do pecado (Rm 6.14). Trata-se da separação da vida de pecado depois que se aceita a Cristo e é expiado por Ele. Porém, em relação ao futuro, o crente terá a vida eterna, isto é, terá a redenção plena do corpo do pecado (Ap 21.27; 22.15).

Porém, o sentido negativo de *morte espiritual* refere-se à *morte no pecado.* O crente está morto para o pecado, mas o ímpio está morto espiritualmente no pecado. Significa que o pecador vive um estado de vida separado de Deus e de sua comunhão. Significa estar "debaixo do pecado" e estar sob o seu domínio (Ef 2.1,5). O efeito desses dois sentidos é presente e temporal. O pecador sem Deus, no presente, está numa condição temporal de ex-comunhão com Deus, mas pela graça de Deus poderá sair desse estado e morrer para o pecado (Ef 4.18; Gn 2.17).

A punição final do pecado é a morte eterna, ou seja, o juízo final contra o pecado (Hb 9.27). A morte eterna é a culminância e complementação da morte espiritual. Diz respeito à repugnância da santidade divina que requer justiça contra o pecado e contra o pecador impenitente. Significa a retribuição positiva de um Deus pessoal, tanto sobre o corpo como sobre a sua alma e espírito (Mt 10.28; 2 Ts 1.9; Hb 10.31; Ap 14.11).

Existem algumas teorias que tentam anular a doutrina bíblica da morte eterna, como castigo final do pecado. O universalismo ensina que Deus é bom demais

para excluir alguém da sua presença no Céu, pois Jesus morreu por todos; por isso, ao final, todos serão salvos. O restauracionismo é outra idéia equivocada e antibíblica, porque ensina que Deus vai restaurar todas as coisas ao final da história da humanidade, quando então todos serão salvos.

A idéia do purgatório, ensinada pela igreja romana, de que o purgatório é um período probatório pelo qual, entre a morte e a ressurreição, os pecadores que morreram serão provados e poderão se recuperar e se livrar da pena final de seus pecados. Por último, a teoria da aniquilação ensina que, ao final de tudo, no juízo, todos os ímpios serão aniquilados; isto é, extinguidos, como quem extingue uma folha de papel no fogo que vira cinza. Interpretam erradamente 2 Tessalonicenses 1.9; substituem a palavra "aniquilar" por "extinguir". O sentido bíblico de "aniquilar" é "banir" da presença de Deus.

Portanto, morte eterna é a eterna separação (banimento) da presença de Deus e a impossibilidade de arrependimento e salvação. Os ímpios são constituídos por aquelas pessoas que rejeitaram conscientemente a graça de Deus e, por isso, depois da morte física, serão ressuscitados e comparecerão diante do Grande Trono Branco do Juízo de Deus e receberão a justa retribuição dos seus pecados com a morte eterna, sendo lançados no Geena, isto é, o "lago de fogo eterno" (Ap 20.14,15; Mt 5.22,29,30; 10.26; 23.14,15,33).

Existe uma distinção entre a primeira e a segunda morte. A primeira é física; morre-se uma só vez (Hb 9.27); é temporal e para todas as pessoas no mundo: justos e injustos. A "segunda" morte é espiritual e eterna; a "segunda" tem um sentido moral, porque todos quantos irão passar por ela saberão e terão "consciência" depois da primeira morte (At 24.15).

Uma das grandes verdades acerca do castigo do pecado é que a justiça de Deus o exige afim que ninguém o acuse de injustiça. Pelo contrário, Ele é o Senhor que pratica a misericórdia, juízo e justiça na terra (Jr 9.24).

A questão do pecado encontra resposta e solução quando encontramos na Bíblia a declaração de Paulo de que Deus propôs Jesus Cristo como propiciação pelo seu sangue, para receber toda a carga da ira de Deus contra o pecado (Rm 3.25; 2 Co 5.21; Gl 3.13). Significa que a cruz foi o meio pelo qual Deus castiga o pecado. O próprio Deus, perfeito em justiça, tornou possível a expiação dos pecados por aquele que se fez nosso justificador perfeito (Rm 3.26).

Notas bibliográficas

[1] *Dicionário Introdutório de Teologia*, II Vol. do Novo Testamento, pp.1598,1599.
[2] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.159

[3] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.159
[4] LANGSTON, A.B., *Esboço de Teologia Sistemática*, Juerp, p.152
[5] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática II Vol.*, Hagnos, p.139
[6] CONNER, W.T., *Doctrina Cristiana*, CBP, p.157
[7] HODGE, Charles, *Teologia Sistemática*, Hagnos, pp.623,624
[8] BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*, Luz para o Caminho, p.233
[9] BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*, Luz para o Caminho, p.235
[10] BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*, Luz para o Caminho, p.248
[11] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p. 282
[12] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.284
[13] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.173
[14] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.173
[15] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.182
[16] SHAFER, L.S., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.718, Vols.1,2
[17] STRONG, A.H., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.88
[18] PEARLMAN, Myer, *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, Vida, p.135
[19] PEARLMAN, Myer, *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, Vida, p.135
[20] CHAFER, L.S., *Teologia Sistemática*, Hagnos, p.755